

26-01-2021

DOIDÃO**Valter Delésio Aleixo**

[Autônomo, ex-gerente de restaurante e ex-quase tudo. Desempregado. Bacharel em Arquitetura]

Hoje não passo fome porque meu pai deixou oito casas numa vila em Manaus que me rendem um aluguel total de mais ou menos 5 mil reais. Moro com minha mãe que tem uma aposentadoria de mil e poucos reais. Parei aqui nesta coluna porque tenho um amigo na Secretaria de Saúde do Amazonas que me mostrou a Coluna Opinião e me disse: *“Você que é um crítico feroz dessas loucuras que o governo Bolsonaro vem fazendo devia escrever na coluna. Se quiser eu falo com o Fadel.”* Depois de perguntar quem era a pessoa eu falei: *“Deixa que eu falo, me passa o zap dele.”* Depois de alguns acertos telefônicos estou aqui. Hoje me considero um pária internacional, num país desgovernado por um louco varrido e cercado de elementos de alta periculosidade à sua semelhança.

Vivo numa cidade que todo brasileiro obrigatoriamente deveria conhecer, no meio da coisa mais esplendorosa que existe no planeta - nossa floresta -. Por outro lado ando meio alucinado com o que está acontecendo, no Brasil e em Manaus, mas antes preciso falar um pouco de mim, se é que continuarei a escrever aqui. Não posso chegar aqui chegando sem dizer porque aceitei o desafio. Hoje, quando sou aceito nos lugares em que ando sou tido como exótico. E logo, quando descobrem quem eu sou, muitos já não me aceitam. Dão logo um jeitinho de não me convidarem. E sempre que isso acontece eu penso que entenderam meu recado. Escrevendo aqui até fico em dúvida se quero que entendam meu recado, porque se entenderem existe o risco dessa ser a minha primeira e última manifestação. Eu sempre fui meio alucinado, mas agora eu assumi minha alucinação como luta política. O MD-PUMM é um projeto que anda. Não tem local fixo, não tem recurso, só tem uma meia dúzia de doidão como eu e algumas doidonas que não sabem como vai ser, só sabem que não pode ser como está. Meu pai tinha uma barraca na feira de São Raimundo, juntou um dinheirinho e resolveu comprar um bar que depois virou restaurante. E eu virei gerente de restaurante.

Depois que meu pai ficou doente, fechou o restaurante, eu já estava na faculdade e pra trabalhar eu apresentava meu currículo: gerente de restaurante.

Rodei Manaus e não parei em lugar nenhum,

Os caras não gostam de gerente doidão. Não sei qual é o conceito de doidão de vocês, mas com certeza não é igual ao meu. Meu pai me chamava de doidão quando comecei

questionar o aproveitamento das sobras de comida do restaurante que ele usava pra fazer bolinho de tira-gosto. Os bolinhos de pirarucu e tambaqui eram os petiscos mais famosos do restaurante do velho e, por certo, foi com os bolinhos que ele comprou as casas que hoje me sustentam com o aluguel. Ou seja, eu sou um herdeiro de uma fraude e de uma falta de higiene estrutural. Ele me chamava de doidão porque dizia que só doido não gosta de dinheiro. Sou um pária também por isso. Minhas divergências com o velho me empurraram para a faculdade. O que depois me mostrou as contradições do sistema. Se não fosse a porcaria do meu pai eu estaria hoje rodando os restaurantes de Manaus, aproveitando sobra de comida pra fazer essas coisas que vocês devem adorar.

As contradições do sistema são evidentes - você faz uma faculdade (paga) e depois fica desempregado - nunca consegui um emprego em alguma coisa parecida com arquitetura. Vejam como o mercado se fecha: deixei de ser gerente de restaurante, meu curso não me possibilitou trabalhar em urbanismo numa cidade em que a maioria da população mora literalmente no lixo. Manaus é linda e é uma vergonha. Mas, acabei não falando de mim. Depois volto à minha cidade. Doidão e sem mercado de trabalho trabalhei numa oficina de conserto de moto. Lá descobri que eu sou um mero doidinho. Doidão era o povo que ia lá. O dono da oficina era meu camarada, mas só agüentei uns 3 meses. Depois arrumei um emprego no RH de uma fábrica de isopor no distrito industrial. Fiquei um mês até conhecer o restaurante da empresa. Acho que tenho alguma anti-tara por restaurantes. Vendedor de apólices de seguro durei um pouco mais. Até que um dia o meu chefe disse que eu tinha que visitar um cliente importante.

O detalhe: eu tinha que ir de terno. Levei um susto: terno em Manaus? Eu disse que não tinha nem paletó quanto mais terno. O cara, bem intencionado, disse que alugava um pra mim. Pedi as contas no mesmo dia. Trabalhei numa gráfica, em posto de gasolina e, fora os que esqueci, numa loja de material de construção. Esse talvez tenha sido o emprego mais próximo da minha formação acadêmica. Resultado: no 2º dia subi numa escada e deixei cair uma caixa de azulejos. Quebrou tudo e tive sorte - nem me machuquei e nem tinha alguém embaixo da escada -. Nesse dia resolvi fundar o MD-PUMM. Contactei meus 200 amigos e amigas doidões e doidonas... Só 6 (seis) toparam e agora estou aqui.

Hoje somos 7 (sete), mas soube que têm algumas pessoas interessadas. Se me deixarem, logo falarei do MD-PUMM: Movimento Doidão - Por Um Mundo Melhor.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.